
SEXUALIDADE, SAÚDE E EDUCAÇÃO: UM PANORAMA DO CONTEXTO ESCOLAR

Edenilse Batista Lima¹
Acácio Alexandre Pagan²

RESUMO: Buscou-se compreender a inter-relação entre a educação, a sexualidade e a saúde, a partir do levantamento do estado da arte. Este levantamento foi feito no site www.scielo.com.br. Os dados foram organizados em tabelas, sendo que uma delas evidenciou os eixos principais: prevenção e construção da identidade sexual e de gênero nas categorias alunos, professores, livros didáticos e paradidáticos, mídia e relação professor-aluno; e a outra, buscou-se dar enfoque aos centros brasileiros de pesquisa produtores deste tipo de trabalhos, bem como as abordagens comumente utilizadas para cada categoria. Dentre os 13 trabalhos, destaca-se que 7 deles apresentam discussões sobre a relação entre família e a prevenção de DSTs e HIV. No Eixo “Construção da identidade sexual ou gênero” destaca-se maior frequência de trabalhos sobre a relação com a mídia. As discussões trazidas pelos textos analisados neste trabalho há uma ratificação da importância do papel da família e da escola na (re)construção da sexualidade do adolescente.

Palavras-Chave: educação; prevenção; saúde; sexualidade.

ABSTRACT: We tried to understand the interrelationship between education, sexuality and health, from the time the state of the art. This survey was done on the site www.scielo.com.br. Data were organized into tables, one of which highlighted the main elements: prevention and construction of sexual identity and gender categories in the students, teachers, textbooks and supplementary textbooks, media, and teacher-student relationship, and the other sought to give approach to the Brazilian research centers producing this type of work and approaches commonly used for each category. Among the 13 works, notes that 7 of them had discussions about the relationship between families and the prevention of STDs and HIV. Axi & quot; construction of sexual identity or gender" stands higher frequency of work on the relationship with the media. The discussions brought the texts analyzed in this paper there is a ratification of the importance of family and school in the (re) construction of adolescent sexuality.

Keywords: education, prevention, health, sexuality

1 Especialista em Ensino de Biologia. Profa. efetiva da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe/SEED-SE, UFS/DEDI/GEPIADDE/EDUCON/NPGECIMA, edenbali2005@yahoo.com.br

2 Prof. da Universidade Federal de Sergipe. NUBIO/NPGECIMA/UFS, apagan.ufs@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

As discussões políticas e a produção sobre o tema sexualidade e saúde tem se ampliado consideravelmente nas últimas décadas, especialmente no âmbito da problemática das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) e Aids.

Apesar disso, apenas um número reduzido de trabalhos acadêmicos trata da correlação entre educação, sexualidade e saúde, tema desta monografia.

Considerando os avanços na legislação educacional, que justificam e fundamentam a importância dessa temática ser trabalhada no contexto escolar (PCN, DCN) apontando que a forma como as pessoas vivenciam a sexualidade é mediada pela aprendizagem que se dá ao longo da vida, entendemos que essa vivência e suas concepções são construções sócio-culturais desenvolvidas nos diferentes espaços nos quais os sujeitos se socializam e se educam.

Nesse sentido, a escola, como espaço de formação se constituiria em um desses espaços sociais de formação.

Nessa perspectiva nasce e se amplia nossa inquietação investigativa, como profissional da educação, que nos levou a buscar compreender a inter-relação entre a educação, a sexualidade e a saúde, a partir do lócus.

Nesse intuito elaboramos um levantamento preliminar que fundamentou uma breve apresentação do estado da arte sobre a referida temática.

Este breve estudo foi elaborado como parte do arcabouço teórico metodológico do estudo monográfico intitulado “concepções sobre educação, sexualidade e saúde de alunos do Ensino Médio da escola pública estadual da cidade de São Cristóvão/SE” do qual buscou-se compreender as concepções acerca dos temas confluentes entre saúde e sexualidade manifestadas por alunos do Ensino Médio de uma escola pública estadual da cidade de São Cristóvão/SE.

No referido estudo utilizou-se como principal procedimento metodológico a aplicação de questionários precedido de um estudo bibliográfico apresentando um

panorama do estado da arte sobre o objeto de estudo. E a partir desse panorama dos estudos sobre saúde, sexualidade e educação que elaboramos o trabalho aqui apresentado.

Foram levantadas treze produções acadêmicas sobre o tema em questão. Dentre esses 13 trabalhos levantados na análise do Estado da Arte de trabalhos brasileiros sobre saúde e sexualidade na escola, destaca-se que 7 deles apresentam discussões sobre a relação entre família e a prevenção de DSTs e HIV. No Eixo “Construção da identidade sexual ou gênero” destaca-se maior frequência de trabalhos sobre a relação com a mídia (tabela 1). Aponta-se também, para a pouca produção que enfatiza a relação professor aluno no debate sobre sexualidade.

Tabela 1

Distribuição dos trabalhos sobre saúde e sexualidade na escola, segundo categorias e eixos de análise

Categoria	Número de trabalhos	
	Eixo 1 - Prevenção	Eixo 2 - Construção da identidade sexual e/ou gênero
Alunos	4	2
Família	7	3
Professores	2	2
Livros didáticos/ paradidáticos	-	1
Mídia	3	6

Alguns dos 13 artigos possuíam os dois eixos centrais, ou seja, trabalhavam a questão da prevenção e da construção da identidade sexual e/ou de gênero. Por isso, percebe-se uma discrepância entre a quantidade dos mesmos e a quantidade de temas organizados na tabela 1.

Outra organização dos dados, que foi apresentada na tabela 2, buscou dar enfoque aos centros brasileiros de pesquisa produtores deste tipo de trabalhos, bem como as abordagens comumente utilizadas para cada categoria.

Tabela 2

Centros de pesquisa sobre saúde e sexualidade na escola e suas abordagens

Categorias	Centros (Universidades)	Abordagens
------------	-------------------------	------------

	e/ou Fundações)	Empírica	Teórica	Relato de experiência/ projeto
Alunos	5 (USP, UFRGS, UFSC, FIOCRUZ, UECam)			5
Família	7 (USP, UFRGS, UNIFESP, GEERGE, UNICam, UFSC, UFPR)	4	2	3
Professores	3 (UNESP, UNIFESP, UFSCAR)		1	2
Livros didáticos/ paradidáticos	1 (UDESC)	1		
Mídia	6 (UFPR, USP, UFRGS, UNIFESP, UDESC, UFSC)	8		

OBS.: Alguns desses centros muitas vezes pesquisam sobre mais de uma categoria. Por isso, a quantidade de abordagens pode se diferenciar da quantidade de centros.

Cada uma dessas categorias foi melhor discutida nos subtítulos que seguem.

2. ENFOQUE NOS ALUNOS:

Nesta categoria foram encontrados, principalmente, trabalhos relacionados à prevenção de HIV e DSTs. As abordagens, majoritariamente, referiam-se a relato de experiências de projetos de prevenção para adolescentes e jovens.

Oliveira e Bueno (1997) desenvolveram sua pesquisa com alunos das 3 séries do ensino médio em escolas públicas estaduais do município de Guatapará –SP. Fizeram observações do comportamento dos jovens e dos problemas emergentes relacionados à Educação para a sexualidade e DST/AIDS e entrevistas. As autoras trabalham apenas com a questão das DSTs/Aids e da prevenção.

Esse trabalho traz a questão da atuação dos enfermeiros nas escolas para trabalharem juntamente com os professores e de forma interdisciplinar a questão da sexualidade. Acreditam que a mídia poderia ajudar os alunos mais no tocante a esse tema se destacasse mais conhecimentos, travasse mais discussões e tecesse mais informações ao invés de só transmitir informações quantitativas. Elas acreditam que os alunos se tornam vulneráveis diante das questões relativas à sexualidade devido a sua falta de informação (OLIVEIRA e BUENO, 1997).

Oliveira e Bueno (1997) apresentaram que a maioria dos alunos relaciona Aids a doença do sexo e atribuem sentimentos negativos a ela; cerca de 84% afirmam se protegerem da doença utilizando o preservativo. Elas acreditam que a escola deve oferecer estratégias pedagógicas apropriadas para trabalhar a questão da sexualidade e das DSTs/Aids envolvendo a família e a comunidade.

Antunes et all (2002) estudou as práticas sexuais de risco para infecção pelo HIV de estudantes adultos jovens (18 a 25 anos) de 4 escolas públicas noturnas de Ensino Fundamental e Médio da região central do município de São Paulo/SP e avaliou as diferenças de gênero e o impacto de um programa de prevenção de Aids.

Os autores citam resultados de diversos estudos feitos anteriormente no tocante a esse assunto. Um deles enfatiza as relevantes lacunas no conhecimento sobre Aids e HIV e indicaram que aumentar o nível de informações sobre as vias de transmissão do HIV e sobre as necessidades de usar o preservativo não garante as mudanças de práticas. O outro foi resultado de revisões de literatura patrocinadas pelo Programa de Aids das Nações Unidas (Unaid) que avaliaram programas com jovens em vários países desenvolvidos e concluíram que: comportamentos saudáveis e responsáveis podem ser aprendidos, programas efetivos ajudam a adiar o início da vida sexual e protegem jovens de infecções sexualmente transmissíveis e da gravidez precoce, os jovens são um grupo heterogêneo e as estratégias educativas devem ser diferentes, respeitando essa heterogeneidade.

Para Antunes et all (2002, p. 89)

Programas mais eficazes de currículo focalizado e clareza de metas, descrevem claramente as práticas sexuais a ser evitadas e as mais seguras, desenvolvem atividades que esclarecem as influências sociais refletidas na vida sexual, criam ambientes e espaços para praticar a comunicação e a negociação do sexo seguro, estimulam fraqueza nas comunicações sobre sexo, ajudam os jovens a decodificar mensagem da mídia e seus pressupostos ideológicos.

As meninas conversam mais com os amigos sobre métodos anticoncepcionais (66%), e sobre o momento adequado para ter filhos (47% contra 34% dos meninos). Há um numero maior de meninas sem experiência sexual (21% contra 5% dos meninos); também,

elas apresentam maior dificuldade para negociar o uso de preservativo (30% contra 14% dos meninos) e vergonha de falar para o parceiro sobre as práticas mais prazerosas (37% contra 53% dos meninos). Para elas o sexo está mais associado ao amor (93% contra 73% dos meninos).

Para Antunes et al (2002) deve-se discutir a dinâmica dos relacionamentos e o significado do sexo seguro nos diversos contextos afetivos.

Uma prioridade na agenda de pesquisa de prevenção do HIV/Aids deve ser o desenvolvimento e a avaliação de programas que considerem os obstáculos sociais e culturais, em especial, as dificuldades vividas pelos rapazes. (ANTUNES et al, 2002, p. 94)

Na pesquisa etnográfica desenvolvida em uma escola municipal do Rio de Janeiro entre agosto de 2002 e julho de 2003, Altamann (2007) analisa como as meninas idealizam sua primeira relação sexual e como a escola se refere a esse aspecto da vida dos jovens e intervêm sobre isso, uma vez que a educação sexual privilegia um único modelo de entrada na sexualidade, desconsiderando a diversidade das experiências sexuais possíveis que os jovens possam ter.

Para a Altmann (2007), existem diversos discursos prescritivos de como jovens devem viver suas primeiras relações sexuais e de como devem se relacionar sexualmente. Porém, pouco se sabe sobre como eles planejam essas experiências em suas vidas.

Na época em que Altamann (2007) desenvolveu a pesquisa o principal projeto de educação sexual era o Núcleo de Adolescentes Multiplicadores (NAM). Nas reuniões deste, havia um/a professor/a coordenador/a e os alunos e versavam sobre sexualidade, drogas entre outros assuntos.

Durante as discussões surgiu da fala dos alunos a questão de que existem vários tipos de mulher: fáceis (disponíveis para qualquer “relacionamento” sem compromisso), de família/sérias (para namorar sério, casar e constituir família).

O critério de classificação masculina e feminina para a questão de se ter relações sexuais com várias pessoas não é o mesmo: a mulher torna-se desvalorizada enquanto para o homem é normal. A suposta normalidade de como um garoto é visto ao se relacionar com

várias garotas pode estar ligada à percepção social de que o homem necessita mais de sexo do que a mulher (ALTMANN, 2007).

As garotas ficam preocupadas com a repercussão social da perda da virgindade e acreditavam que ao perdê-la, esta fosse revelada através de mudanças físicas no corpo. Para elas a primeira relação sexual deve ocorrer dentro de um relacionamento amoroso escolhido, estável, contribuindo para confirmar a capacidade do indivíduo para travar um relacionamento e, além disso, a relação deve existir há muito tempo e deve continuar a existir depois do ato sexual. O ideal de primeira relação não é uma valorização da virgindade e sim, “de dar especial atenção a primeira relação sexual e a como esse ritual de passagem pode tornar-se público” (ALTMANN, 2007, p. 342)

A primeira relação sexual da mulher é vista como um rito de passagem implicando a perda de uma condição sexual para a aquisição de outra. A perda da virgindade é um rito irreversível e não repetível, essa passagem é motivo de grande preocupação para as meninas. Sendo que a expressão perder-se expressa uma condição específica e a perda da garota como um todo (ALTMANN, 2007).

Os garotos tornam públicas suas relações sexuais com divulgação do nome da menina por ser algo valorizado para e por eles. Para as garotas isso poderá ser um problema para sua reputação. Os garotos não têm vergonha de contar que não são mais virgens e chegam até a mentir. As garotas devem aguardar e se preservar para o momento correto e os garotos têm que correr contra o tempo para deixarem de ser virgens, tornarem-se homens e serem considerados normais. Os garotos não constroem grandes expectativas em relação a primeira relação sexual, porém mostram-se ansiosos de que essa passagem ocorra o quanto antes. “A virgindade e o valor dado a primeira relação sexual são marcas de distinção de gênero na nossa cultura.”(ALTAMAN, 2007, p. 346)

Na opinião dos alunos e das alunas os homens não devem se mostrar inseguros e com dúvidas sobre questões relacionadas à sua sexualidade e seus comportamentos com relação às mulheres (transar ou não na primeira saída, ir na casa da menina ou não, etc). Os homens que se mostram inseguros são vistos como “frescos”, “afeminados”, “diferentes”.

Camargo e Botelho (2007) descrevem o papel da experiência sexual no contexto informal e sociocultural para o risco de transmissão do HIV/Aids em adolescentes de uma escola de ensino médio de Santa Catarina, em 2000. Destes, 59,4% eram mulheres e a idade média dos 1.386 era 17 anos e 3 meses.

Para Camargo e Botelho (2007) existem dois modelos de prevenção no ambiente escolar:

a) integrado – é integrado ao ensino regular utilizando pessoas da escola, geralmente o professor, e possibilitando a integração do problema da Aids no contexto mais geral da educação para a saúde e da educação sexual.

b) utiliza pessoal alheio à escola – Apresenta vantagens como o anonimato dos alunos diante do agente da prevenção, a boa formação dos executores das ações, a homogeneidade dos conteúdos considerados e a possibilidade ampliada de troca de experiências e de orientação específica.

As principais fontes de informação sobre Aids são: escola e a televisão (44,8% e 41,5% respectivamente), folhetos (36,6%), família (34,1%). Percebe-se aqui a relevância da família conversar sobre assuntos relacionados à sexualidade.

Os recursos pedagógicos para obtenção de informações, apontados, foram os filmes (58,9%) e os folhetos (37,5%). Percebe-se que informação áudio-visual e a escrita sintética com tratamento visual podem ter um grande impacto positivo sobre os adolescentes. 30% dos alunos desconhecem a forma de prevenção da Aids.

Os alunos são favoráveis ao uso do preservativo. Porém, percebe-se que quanto maior a quantidade de experiências sexuais com penetração, maior a proporção daqueles que assumiram ter praticado sexo sem preservativo.

O sexo sem uso do preservativo, mesmo que estes adolescentes declarem intenção em utilizá-lo, o desconhecimento dos riscos, a desinformação e a falta de programas de prevenção na maioria das escolas brasileiras, constituem-se em fatores promotores do aumento de adolescente portadores de HIV... a importância da família, como fonte de informação sobre riscos trazidos pela Aids, deve ser mais bem utilizada por parte da escola. (CAMARGO e BOTELHO, 2007, p. 7)

Tonatto e Sapiro (2002) buscaram investigar inovações nas práticas de ensino-aprendizagem, que atentem para a questão da Orientação Sexual. Essa pesquisa apresenta uma etapa investigativa qualitativa com uma descrição etnográfica e outra, de experimentação através de oficinas sobre sexualidade. Participaram 25 alunos da 7ª série de ambos os sexos, de uma escola privada de orientação religiosa, freqüentada por alunos de classes média e alta, situada na zona nobre da cidade de Porto Alegre/RS.

Os alunos se apropriam de certos discursos protagonizados pelo social que muitas vezes, acabam surtindo efeito de verdade sobre os jovens. Muitos dos discursos dos alunos são visões hegemônicas com relação ao corpo, relações de gênero e identidade sexual.

Segundo Tonatto e Sapiro (2002) a escola, ao vincular a sexualidade a um enfoque apenas biológico, acaba negando o fato de que fatores psicológicos, sociais, culturais e históricos possuem forte influência sobre ela e sobre as formas como os sujeitos dela se apropriam.

Os jovens percebem que as mudanças corporais dotadas de atributos sexualizantes afetam o desenvolvimento de sua afetividade, de seus valores e expectativas.

Com relação aos corpos adolescentes, os discursos que proliferam se dirigem mais especificamente ao corpo das meninas, e apresentam uma proposta vinculada a um mecanismo de controle-estimulação, que ao mesmo tempo que incita os adolescentes a mostrarem seus corpos, faz a exigência de que, para isso, eles estejam dentro dos padrões de beleza rigorosamente estabelecidos. (TONATTO e SAPIRO, 2002, p. 168)

Os corpos são influenciados pela questão da valorização social de um determinado padrão estético, de um ideal de corpo e beleza. Os adolescentes dão muita importância para os amigos no que se refere às conversas sobre sexualidade. Isso se deve ao fato de serem da mesma idade e assim, entenderem melhor os seus problemas. Os pais acabam ficando um pouco distante dos adolescentes. Estes, já não mais se identificam com seus pais e vão procurar em outros meios as vivências e experiências que necessitam nesse momento de sua vida (TONATTO e SAPIRO, 2002).

Como os adolescentes se comportam e relacionam de forma a buscar reconhecer-se e serem reconhecidos a partir de uma posição sexuada os jogos de sedução são colocados em práticas de diversas formas o tempo todo, o ficar é privilegiado e o toque entre amigos assume relevante importância nas relações cotidianas. Nas suas falas, a sexualidade é uma questão primordial e se percebe as dificuldades que eles possuem em se expressar com relação a esse assunto (TONATTO e SAPIRO, 2002).

É importante uma abordagem interdisciplinar para se trabalhar as questões relacionadas à sexualidade. Porém, para que a transversalidade e a interdisciplinaridade se efetivem precisa ocorrer uma ressignificação do processo ensino-aprendizagem.

O currículo adequadamente construído deve atender as necessidades dos alunos e professores de compreender a sociedade na qual vivem, favorecendo o conseqüente desenvolvimento de diversas capacidades, tanto técnicas quanto sociais, que os auxiliam em sua localização dentro da sociedade como pessoas autônomas, críticas, democráticas e solidárias. (TONATTO e SAPIRO, 2002, p. 172)

Os PCNs devem ser utilizados pelas escolas como uma forma de se mobilizar a equipe escolar para a promoção de transformações na base do ensino tradicional, como uma forma de se propiciar, através desse material, uma reflexão e uma discussão sobre o ensino atual. Deve-se lembrar que os PCNs não são a única e a melhor proposta de melhoria na qualidade de ensino porém, é um avanço no processo ensino-aprendizagem uma vez que, propõe a interdisciplinaridade e a idéia de que a avançar no conteúdo significa construí-lo, amplia o conceito de sala de aula como um espaço social de transmissão de saberes, dá importância aos temas sociais e à contextualização dos assuntos trabalhados, suscita discussões acerca do que está acontecendo atualmente, no que diz respeito ao ensino no país e do que poderia ser modificado a partir das possibilidades locais de cada escola. (TONATTO e SAPIRO, 2002).

3. ENFOQUE NOS PROFESSORES:

Altmann (2007) escreve que, para os professores, a virgindade não tem muito valor para as meninas e que elas são influenciadas pelos pares e têm a primeira relação sexual por curiosidade.

Os professores destacam a necessidade do uso do preservativo sendo que antes, passaria por uma suposta conversa. Essa necessidade de utilização era apresentada dentro de uma relação ideal sem considerar as diversas possibilidades de relação entre as pessoas, ou seja, mais do que prescreverem o uso do preservativo, prescreviam um tipo de relação: heterossexual e com etapas a serem seguidas.

O casal que aparece nos discursos dos professores é sempre heterossexual. Não são criadas situações com relações homossexuais nas quais, a camisinha deve ser usada, ou seja, não há lugar no currículo para a idéia de diversidade sexual ou de gênero.

Jardim e Bretas (2006) buscam na sua pesquisa identificar o conhecimento e a atuação dos professores de ensino fundamental e médio da rede pública do município de Jandira/SP sobre a sexualidade. Utilizou-se de um estudo de caráter exploratório-descritivo com abordagem quantitativa. Os dados foram obtidos por meio de questionário semi-estruturado, respondido por cerca de 100 professores com idade média de 34 anos. Sendo que 68% eram mulheres, 55% eram casados, 50% trabalhavam em dois turnos e 20% em 3 turnos, 83% tinham nível superior, 51% eram católicos.

Jardim e Bretas (2006) enfatizam a importância da escola na (re)construção da sexualidade do adolescente:

[...] a escola é o ambiente social no qual o indivíduo passa grande parte de sua vida e é um dos principais elementos para contatos inter-pessoais, por isso deve contribuir para o desenvolvimento de uma educação sexual que promova no adolescente senso de auto-responsabilidade e compromisso para com a sua própria sexualidade. (JARDIM e BRETAS, 2006, p. 158)

As instituições encontram dificuldades para a inserção de novas práticas em educação sexual e acabam, muitas vezes, deixando de oferecer um espaço para que ocorram debates sobre saúde reprodutiva e sexualidade de uma forma contínua, referidos

principalmente a carência de recursos materiais e pessoal capacitado (JARDIM e BRETAS, 2006).

Educação sexual é uma estratégia de prevenção dos problemas relacionados ao desenvolvimento da sexualidade na adolescência, porém a escola apresenta dificuldades em cumprir esse papel uma vez que falta professores capacitados para exercerem tais funções (JARDIM e BRETAS, 2006).

De acordo com essa pesquisa de Jardim e Bretas (2006): 99% dos professores consideram importante a orientação sexual na escola uma vez que servirá para a orientação e a conscientização dos alunos preparando-os para a vida. 36% afirmaram que a escola já desenvolveu alguma atividade de orientação sexual, sendo que 14% destas, restritas a palestras isoladas realizadas por convidados.

Quando se fala em orientação sexual na escola as opiniões divergem quanto a se trabalhar somente nos conteúdos programáticos de Ciências e Biologia ou como tema transversal. Porém, deve-se lembrar que os PCN do MEC trazem este tema como transversal e assim sendo, pode ser trabalhado em qualquer disciplina e a qualquer momento.

Os professores concordam que o tema deve ser trabalhado na escola divergindo apenas na faixa etária ideal. Porém, cabe lembrar que a orientação sexual deve começar quando a criança entra na escola e se desenvolver ao longo de toda a vida escolar. Deve-se adequar a abordagem à faixa etária e ao nível de desenvolvimento cognitivo do aluno.

Com relação a quem é o responsável pela educação sexual dos jovens, 45% dos professores acreditam que os próprios pais, 58% acreditam que é sua responsabilidade, 10% acreditam ser responsabilidade dos professores de Ciências e Biologia e 29% acreditam que a Educação sexual deve ser feita por profissionais especializados no assunto assim garantindo o sucesso da informação. Com relação a forma de abordagem do assunto: através de palestras (19%), por discussões de situações reais (18%) e através de vídeos educativos (18%), foram as mais freqüentemente apontadas.

A escola pode usar uma metodologia participativo-construtiva, partindo sempre do conhecimento que o aluno já possui sobre o assunto e ir preenchendo as lacunas nas informações. A educação sexual na escola necessita utilizar ações que problematizem,

levantem questões e ampliem o leque de conhecimento e de opções para que cada um escolha seu próprio caminho.

Com relação a ter restrição de assunto a abordar em sala de aula, apenas 9% afirmaram que não fariam em aborto e masturbação posto que pensam estimular os alunos a praticarem.

Para a maioria dos professores (55%) os temas relacionados a sexualidade podem ser abordados em sala de aula de acordo com o plano de aula. Os professores apresentam mais facilidade em falar sobre a versão biológica da adolescência, a prevenção da gravidez e das DST's do que discutir a versão psíquica, sobre as vivências e conflitos decorrentes do crescimento e da sexualidade. Falar sobre sexualidade é falar sobre sentimentos, emoções e afetos fundamentais no desenvolvimento e na vida psíquica do ser humano.

Apenas 27% dos professores investigados por Jardim e Bretas (2006) já participaram de algum tipo de treinamento ou capacitação para falar sobre sexualidade em espaço escolar.

Para o sucesso de orientação sexual na escola torna-se necessário estabelecer um programa de capacitação em sexualidade para os professores interessados uma vez que estes não se sentem seguros para falar sobre o tema.

Silva e Carvalho (2005) buscam investigar sobre o desenvolvimento do "conhecimento pedagógico do conteúdo" de sexualidade entre professoras que trabalham com essa temática. Usaram o método fenomenológico com realização de entrevistas individuais com 3 professoras do Ensino Fundamental que trabalham na rede municipal de ensino de Uberlândia.

Segundo Silva e Carvalho (2005) nem todos os professores estão preparados para trabalhar com a Educação Sexual na escola. Muitos que tratam desse assunto o mencionam somente em seus aspectos biológicos ou apenas convidam um palestrante médico para isso. Esse despreparo dos professores no tocante a esse assunto, muitas vezes, deve-se à educação familiar anti-sexual e opressora que eles receberam e a sua formação acadêmica inicial na qual a discussão com relação a essa temática é quase inexistente.

No momento da análise de como se dá o desenvolvimento do “Conhecimento Pedagógico do Conteúdo” de sexualidade Silva e Carvalho (2005) criaram três categorias:

- a) Família – abordando questões de repressão, do constrangimento e de valores.
- b) Escola – discutindo questões sobre alunos, dificuldades dos professores, planejamento com adequação às necessidades dos alunos, normas e estratégias para ensinar os conteúdos, formação contínua e avaliação.
- c) Sociedade – abordando questões de modelos (os alunos buscam modelos para seguirem) e implicações (necessidade dos professores de estar bem com a sua própria sexualidade).

À medida que as professoras constroem conhecimento do conteúdo de sexualidade, elas o organizam de maneira a torná-lo mais acessível ao aluno, ou seja, as professoras contextualizam o conteúdo, criando representações com a finalidade de ensinar, a partir das interações que surgem na sua prática. Para as professoras deve-se ensinar conteúdo sobre sexualidade devido às necessidades dos alunos em discutir sobre sexualidade, acreditam que ajudará na formação de indivíduos capazes de tomar decisões adequadas a um desenvolvimento psicossocial saudável e a disposição para repensar suas próprias vidas (SILVA e CARVALHO, 2005).

ZUIN (2008) busca analisar a ambivalência dos sentimentos que se objetivam na sexualidade existente entre professores e alunos.

A força da sexualidade nas relações estabelecidas entre alunos e professores é tão intensa quanto o esforço feito pelos agentes educacionais em negá-las. As vozes oficiais das instituições escolares empenham-se na vã tentativa de fazer com que quaisquer indícios de manifestações da sexualidade entre professores e alunos sejam imediatamente reprimidos. (ZUIN, 2008, p. 135)

O envolvimento sexual entre alunos e professores causa espanto e perplexidade e muitas vezes são estampados nas manchetes e nos textos de jornais, de revistas e de telejornais (ZUIN, 2008).

Qualquer sinal de manifestação da sexualidade torna-se passível de ser reprovado, a ponto de a sentença condenatória da própria sociedade ser aplicada, em algumas situações, de forma implacável. A simples menção da sexualidade entre professores e alunos adquire uma conotação de incesto que precisa ser energicamente negada e condenada.

A depreciação da figura do professor também se nutre do anseio de dominar a esfera do espírito, ou seja, uma esfera alusiva à profissão de ensinar. Os sites de relacionamentos virtuais são mecanismos que as pessoas utilizam para expressar verdadeiramente o que pensam sobre seus professores.

Zuin (2008) tece alguns comentários sobre as comunidades nos sites de relacionamento criadas por alunos e ex-alunos com intuito de extravasarem sobre os seus sentimentos com relação aos professores e aos ex-professores.

O antiplatonismo que atualmente viceja na internet é revelador de uma aporia aparentemente imperceptível, pois tanto no destrato sexual que foi exposto nas comunidades virtuais dos alunos, cujos professores são, a seu ver, “filhos da puta”, quanto nos títulos das comunidades dos educandos que afirmaram ter tido algum contato sexual com seus mestres observa-se o desejo de aproximação. (ZUIN, 2008, p. 149)

4. ENFOQUE NA MÍDIA:

O problema das praticas mostradas na televisão envolve a falta de qualidade na sua programação e a mercantilização da sexualidade humana, sendo necessária sua melhor utilização como suporte para campanhas regulares dirigidas aos adolescentes (CAMARGO e BOTELHO, 2007).

Os discursos normativos sobre sexualidade, gravidez, maneiras de ser de homem e de mulher, de ser adulto, criança e adolescente, de ser mãe e de pai, percorrem os espaços da escola e da mídia. A mídia torna-se um elemento de formação cultural com igual ou maior presença do que a formação escolar fazendo com que um discurso afete o outro (DINIS e ASINELLI-LUZ, 2007).

Para Tonatto e Sapiro (2002) a mídia exerce um papel de educadora informal que atrai, atualmente, muitos jovens. Os corpos desses jovens são influenciados pela questão da valorização social de um determinado padrão estético, de um ideal de corpo e beleza.

A sexualidade está sendo debatida abertamente na sociedade e nos meios de comunicação e têm influenciado diretamente o comportamento do adolescente com o bombardeio de informações em sua maioria, distorcidas sobre sexualidade. (JARDIM e BRETAS, 2006)

5. ENFOQUE NA FAMÍLIA:

Para Oliveira e Bueno (1997) o despreparo dos pais para trabalharem consigo mesmos e com a população infanto-juvenil, questões relacionadas à sexualidade, causa um travancamento no avanço para a saúde e para a melhoria da qualidade de vida pessoal e comunitária.

Na sua pesquisa, Camargo e Botelho (2007) Percebem a relevância da família conversar sobre assuntos relacionados à sexualidade. Uma vez que uma quantidade significativa de adolescentes (45,5%) conversa com os pais sobre esta temática e têm na família a principal fonte de informação sobre AIDS (34,1%).

Tonatto e Sapiro (2002) acreditam que os adolescentes vão procurar em outros meios às vivências e experiências que necessitam nesse momento de sua vida por não se identificarem com os pais.

Jardim e Bretas (2006) acreditam que Educação sexual é competência prioritária da família uma vez que ela é a peça chave na formação da identidade de gênero e no desenvolvimento dos papéis sexuais de seus filhos. É a família que dá as primeiras noções sobre o que é adequado ou não (por meio de gestos, expressões, proibições, recomendações).

Para Meyer et all (2008) a epidemia do HIV/Aids possibilitou a emergência do conceito de sexo seguro, trouxe à tona nas salas de aula, nos serviços de saúde e nas famílias, principalmente de classe média católica, o tema sexualidade e a necessidade de se falar dela.

Muitos autores discutem sobre a família e sua relação com a sexualidade e a prevenção às DSTs e à Aids. Dentre os 13 artigos levantados do Estado da Arte, precisamente, 10 trazem à tona essa relação suscitando questões como o despreparo dos pais para falar sobre essas questões, os pais como principal de fonte de transmissão de informações, o porquê dos pais não conversarem com seus filhos sobre questões relacionadas à sexualidade e o porquê deles conversarem, e o que levou alguns pais a dialogarem sobre esses assuntos com seus filhos. Será que foi, realmente, a epidemia do HIV/Aids que possibilitou essa emergência em se discutir sobre sexualidade e questões relativas a ela, não só na família, mas em todos os âmbitos da sociedade?

6. ENFOQUE NOS LIVROS DIDÁTICOS E PARA-DIDÁTICOS:

Furlani (2008) busca a problematização dos processos de produção das diferenças sexuais a partir de coleções de livros didáticos relativos à Educação Sexual. Utiliza como referenciais os Estudos Culturais e os Estudos Feministas, articulados com a perspectiva pós-estruturalista de análise. Discute significados conferidos à homossexualidade, procurando caminhos para a reflexão. Questiona “representações” sexuais e busca ensaiar maneiras de “desconstrução” de seus significados, especialmente aqueles acerca dos tipos de sujeitos que estabelecem relacionamentos sexuais e afetivos com pessoas do mesmo sexo.

A maneira como o gênero e a sexualidade são representados nos livros didáticos e para-didáticos produz significados que marcam e constituem os sujeitos e as práticas normais e os “desviantes”, “não autorizadas”, “anormais” (FURLANI, 2008).

Toda identidade cultural só apresenta sentido numa cadeia discursiva de diferenças: homossexualidade é o oposto da heterossexualidade. Quando a diferença cultural é estabelecida ela “implica processos de exclusão, estratégias de divisão marcadas pela hierarquia, por diferentes escalas valorativas, por distintos sistemas de categorização que tornam positivas ou negativas a identidade em questão.” (FURLANI, 2008, P. 113)

O privilégio histórico do qual gozou o enfoque biológico-reprodutivo na Educação Sexual escolar pode ser apontado como um importante fator, não apenas de legitimação da heterossexualidade como o padrão hegemônico

de relacionamento, mas da quase total ausência, nos livros escolares, de um enfoque afetivo e amoroso nos relacionamentos íntimos, de um modo geral. (FURLANI, 2008, p. 115)

Para justificar as relações sexuais entre as pessoas, a lógica pedagógica sempre utilizou a necessidade de reprodução como seu maior amparo e seu status da normalidade. Sendo, portanto, a afetividade dispensável.

Nos dois livros para-didáticos analisados por Furlani (2008) os textos possuem linguagem sempre neutra em gênero, utilizando expressões como “as pessoas”, “as crianças”, “amigos e amigas”; e enfatizam o valor da afetividade nos relacionamentos humanos. A linguagem neutra em gênero possibilita a utilização mais ampla do texto, considerando, também, os relacionamentos homossexuais e uma possível inteligibilidade das crianças e jovens com esse modelo de relacionamento sexual-afetivo.

Nas diversas instâncias (escola, currículo, disciplinas, normas regimentais, formas de avaliação, materiais didáticos) a linguagem reflete e reproduz os significados que marcam as desigualdades de gênero, sexuais e raciais. Essas desigualdades contribuem para a manutenção das representações que constroem o preconceito, a discriminação, o sexismo.

Apesar dos referenciais estudados por Candia, (1996) e Lopes, (2000) *apud* Furlani (2008) fazerem menção à homossexualidade como uma possibilidade de relacionamento legítimo à sexualidade humana essa não é a regra nas publicações infantis presentes na Escola.

O relacionamento entre pessoas do mesmo sexo pode ser apresentado na Educação Sexual para: crianças a partir da diversidade existente nos muitos modelos de família e a partir da afetividade mútua e espontânea que leva as pessoas a estabelecerem relacionamentos afetivos. Para adolescentes pode ser enfatizado o caráter sexual envolvendo o cuidado e a responsabilidade com as práticas sexuais e com a adoção do sexo seguro.

Questionar as muitas formas de preconceito e de exclusão social é papel de uma Escola que quer e que constrói uma sociedade menos sexista, menos racista, menos misógina e menos homofóbica – e isso começa na Educação Infantil. (FURLANI, 2008, p. 129)

Esta parte do trabalho trouxe discussões sobre a prevenção de DST's e Hiv/Aids e a construção da identidade sexual e/ou de gênero no bojo de 6 categorias (alunos, professores, família, mídia, livros didáticos e para-didáticos e relação professor-aluno). Sendo que as categorias que apresentaram mais trabalhos com discussões e que abrangeram os dois eixos (prevenção e construção da identidade sexual e/ou de gênero) foram família e mídia, com respectivamente, 10 e 9.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em muitas das discussões trazidas pelos textos aqui analisados há uma ratificação da importância do papel da família e da escola na (re)construção da sexualidade do adolescente. Sendo que a família e a escola podem educar o jovem mostrando os diversos caminhos sexuais possíveis e disponíveis para que ele faça sua própria escolha. Alguns textos também trazem a influência significativa que a mídia possui sobre o desenvolvimento sexual do adolescente. Os jovens muitas vezes absorvem as informações trazidas pela mídia como se fossem verdades absolutas, sem consequências e que devem ser copiadas. E por não analisarem as informações disponibilizadas pela mídia, tornam-se vulneráveis a diversas situações (HIV, Aids, gravidez, drogas).

De um modo geral, a análise dos textos apresentados mostra que as pesquisas sobre sexualidade na voz de professores têm foco principalmente na construção de habilidades e competências para o trabalho pedagógico de prevenção junto aos alunos. Nessas análises, dois conjuntos de pressupostos são importantes, a formação continuada do profissional, bem como o trabalho de autoconhecimento que os professores e professoras precisam ser incentivados a fazer, na tentativa de lidarem mais tranquilamente com a educação sexual.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 15, n. 2, ago. 2007. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-26X2007000200004&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0104-026X2007000200004.

ANTUNES, Maria Cristina et all. Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 4, ago. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-102002000500013&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0034-89102002000500013.

CAMARGO, Brígido V.; BOTELHO, Lúcio J. Aids, sexualidade e atitudes de adolescentes sobre proteção contra o HIV. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 1, fev. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102007000100009&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jul. 2009. Epub 28-Nov-2006. doi: 10.1590/S0034-89102006005000013

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 30, 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602007000200006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0104-40602007000200006.

FURLANI, Jimena. Mulheres só fazem amor com homens? A educação sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **Pro-Proposições**, Campinas, v. 19, n. 2, ago. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200009&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0103-73072008000200009.

JARDIM, Dulcilene Pereira; BRETAS, José Roberto da Silva. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 59, n. 2, abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672006000200007&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0034-71672006000200007

MEYER, Dagmar E. Estermann; KLEIN, Carin; ANDRADE, Sandra dos Santos. Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, n. 46, dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-6982007000200009&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0102-6982007000200009.

OLIVEIRA, Maria Alice F. Colli; BUENO, Sônia Maria Villela. Comunicação educativa do enfermeiro na promoção da saúde sexual do escolar. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, jul. 1997. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691997000300011&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0104-11691997000300011

SILVA, Mirian Pacheco; CARVALHO, Washington Luiz Pacheco de. O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras. **Ciênc. educ. (Bauru)**, Bauru, v. 11, n. 1, abr. 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo>>.

php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132005000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S1516-73132005000100007

TONATTO, Suzinara; SAPIRO, Clary Milnitsky. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, dez. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000200009&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0102-71822002000200009.

ZUIN, Antônio. Tabus sexuais entre professores e alunos. **Pro-Prosições**, Campinas, v. 19, n. 2, ago. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200010&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 19 jul. 2009. doi: 10.1590/S0103-73072008000200010.